

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LOUISE TOCCHETTO PEREIRA

CORPOS D'ÁGUA:
Escritas sobre encontros e percursos

PORTO ALEGRE

2018

LOUISE TOCCHETTO PEREIRA

CORPOS D'ÁGUA:

Escritas sobre encontros e percursos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de
Graduação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e
obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências
Biológicas.

Orientadora: Teresinha Guerra

PORTO ALEGRE

2018

À Mãe, pela dedicação
Ao Pai, pela sabedoria
À Belinha, ao Gabi e ao Miguel, pela cumplicidade
À Shir e ao Dani, pela fraternidade
Ao Afilhado, por despertar o amor mais puro
À Dinda, por sempre acreditar
À Vóvi, pela resiliência e suporte
Ao Dindo, pela sinergia e inspiração
À Paçoca, à Penelope e ao Dave, pela pureza
À Lu, por ser a luz da minha vida
À Vicky, pela sinceridade e sensibilidade
À Leca, pela amorosidade
À Cami, pelo afeto
À Glau, pelo acolhimento e exemplo
À Grazi e ao Lipe, pela parceria
À Fer, pela liberdade
Ao Ítalo, pela delicadeza
À Jana, pela força
À Vit e à Deiah, pela família que escolhemos ser
À Francine, ao Richard, à Laís, à Bianca, à Thallya e ao Guilherme, pela
oportunidade

Com todo meu amor

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Teresinha Guerra, minha orientadora, por ter sido a ponte até a escola, me oferecendo a oportunidade de desenvolver, com suporte e autonomia, meu Projeto de Educação Ambiental. Agradeço também por aceitar a empreitada maluca que foi escrever esse TCC. Mesmo diante das dificuldades, ela me manteve firme e acreditou.

Estendo um agradecimento especial à minha “coorientadora”, Vitória Moro, pela inspiração e pela firmeza com que me ajudou a conduzir e concluir meu trabalho, sem sua presença não teria chegado ao final com tanta beleza. Estendo ainda o agradecimento à Camila Scartezini, pela paciência e dedicação no auxílio da organização das bibliografias e diagramação do texto. E à Luiza Rampanelli e Fernanda Almerón, por sua leitura cuidadosa e sensível, possibilitando um texto ainda mais aprimorado.

Agradeço às professoras que foram inspiração ao longo da graduação, me permitindo a vivência de uma licenciatura transformadora: Heloísa Junqueira, Luciano Bedin, Eunice Kindel, Tânia Fortuna, Russel Teresinha, Paula Beatriz, Rosana Fernandes, Teresinha Guerra, Paulo Simões-Lopes e Letícia Albuquerque. Faço ainda um agradecimento especial ao Luciano e à Eunice por, além da inspiração, contribuírem com sua sabedoria nessa etapa crucial da minha formação acadêmica, compondo a minha Banca.

Agradeço a cada docente que cruzou meu caminho, contribuindo para a pessoa e a profissional que sou hoje, desde minha formação inicial até o as infinitas etapas que se fazem possíveis. Agradeço seu tempo de vida, dedicado a essa tarefa tão árdua e tão prazerosa que é educar.

Agradeço à Equipe pedagógica da Escola São Pedro que me aceitou e acolheu na instituição, dando todo suporte e autonomia que precisei para desenvolver meu trabalho. Em especial ao professor Gelson Halmenschlager, por ter sido o portal de acesso a essa experiência.

Agradeço com muito amor às estudantes que se dispuseram a compartilhar vida comigo durante esses meses: Francine, Richard, Laís, Bianca, Thallya e Guilherme. Obrigada por serem inspiração e esperança.

Por fim, agradeço a cada amiga gota d'água que me fez transbordar alegria na vida. Não seria possível mencionar todas as flores do meu jardim aqui, mas

saibam que cada uma tem um lugarzinho especial na memória do coração. Cada corpo que atravessou meu caminho com afeto e alegria sinta-se abraçado e agradecido.

“(...) Nada lhe posso dar que já não exista em você mesma. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu a ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.”

Herman Hesse

RESUMO

Este é um trabalho que trata da educação ambiental colocando o corpo que observa como parte do corpo que é observado, por isso não existe uma linha que separa o sentir do observar. A cartografia chega aos corpos como uma alternativa de experimentarem-se em novas formas de existência. As palavras aqui contidas não trazem dados, números, estatísticas ou respostas, o trabalho se compõe na narrativa do percurso de um rio. Foi no encontro dos corpos d'água e somente nesse território, que se fez possível esse percurso. O território dos encontros se deu durante o desenvolvimento do projeto de Educação Ambiental por mim pensado, escrito e ministrado em uma Escola Pública Municipal da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, e no bairro do entorno. Imprescindível dizer que esse território se estendeu muito mais ao entorno da escola do que ao prédio e às salas de aula. Tanto mais sinuoso é o trajeto de um rio, mais suas margens acumulam histórias. Cada curva abre em seguida uma infinidade de possibilidades de paisagens e contornos. Não houve fórmulas ou receitas para esses corpos habitarem o território a que se propuseram explorar, apenas pistas de como seus sentidos poderiam operar para melhor conduzir sua atenção. É preciso molhar-se nas águas desse rio para conhecê-lo, preciso fazer-se corpo d'água e compor o conjunto de encontros suscitados. Por meio da cartografia, a experimentação da educação ambiental a partir das sensações do corpo, leva a narrativa do percurso de um rio, perpassando suas partes - Olho D'água, Afluentes, Meandro, Confluência e Desembocadura - apenas como guias do percurso. A experimentação do corpo é o fim último dessa narrativa, não tendo por objetivo demarcar ou concluir nada, apenas propiciar sentires e reflexões ao longo do percurso da minha aventura enquanto educadora, tendo como atravessamentos a contação de histórias, a Educação Ambiental, os encontros e o percurso.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Percurso. Sensibilização. Cartografia. Escola. Contação de história.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| MARGENS | 09 |
| LEITO | 12 |
| OLHO D'ÁGUA | 16 |
| AFLUENTES | 20 |
| MEANDRO | 23 |
| CONFLUÊNCIA | 25 |
| DESEMBOCADURA | 27 |
| A_MAR | 28 |
| GAROA: REFERÊNCIAS | 34 |
| PISCINA: APÊNDICE | 38 |

MARGENS¹

O rio tem muitas vozes, um sem número de vozes: não é meu amigo? Não te parece que ele tem a voz de um rei e as de um guerreiro, a voz de um touro e a de uma ave noturna, a voz de uma parturiente e de um homem que suspira, e inúmeras outras ainda?”²

Tanto mais sinuoso é o trajeto de um rio, mais suas margens acumulam histórias. Cada curva abre em seguida uma infinidade de possibilidades de paisagens e contornos. O limite³ entre o corpo do rio e o corpo da *Terra* – suas margens – não é uma linha lisa e bem desenhada. É, antes disso, “o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”⁴. Assim como as margens de um rio guardam suas marcas, os corpos carregam também os sinais de seu trajeto no mundo.

As paisagens registradas nas margens e nas águas desta estrada fluvial, em todo o seu percurso, são manifestações concretas da relação da sociedade com o seu espaço geográfico, sendo, portanto, expressão da existência humana e, ao mesmo tempo, expressão do imaginário humano. Elas guardam as intenções e as ações das pessoas sobre o meio, pois vão sendo impressas marcas sobre as paisagens originais, as quais registram os acontecimentos ao longo do tempo, considerando diferentes fatores naturais e culturais. Por isso, as paisagens são resultado de uma sucessão de fatores superpostos intrincados, os quais ficam registrados na memória coletiva, tornando-se elementos poderosos de identificação cultural que estão permanentemente se atualizando.⁵

¹ <https://bit.ly/2Q8Tg5O>. Este link leva à uma playlist que contém 30 vídeos que estão sinalizados individualmente ao longo do texto. O objetivo dos vídeos é sensibilizar, facultando experiências auditivas e visuais vinculadas ao conjunto de palavras escritas.

² HESSE, 1985, p. 116.

³ 1º Mergulho: PÓVOAS, 2003, p. 25.

EURECA

O limite de mim mesmo
impediu que eu escalasse
as paredes do meu muro
e escancarasse de vez
as cavernas do meu fim.
Anos a fio, encalacrado,
numa luta desigual,
de repente foi assim:
mergulhei no meu escuro,
para maior dos meus espantos,
achei as chaves de mim.

⁴ SOUSA, 2003, p. 66.

⁵ CHIAPETTI, 2009, p 18.

Nosso cotidiano é *atarracado* de coisas, horários, metas, funções, prazos⁶. Os corpos são dominados por “(...) um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”⁷. Sabe quando a vida te encarrega de tanta coisa que parece até uma mochila pesada cheia de tralhas? Quando tua correnteza parece não dar conta de seguir a gravidade e chegar ao mar? Nesses momentos, apenas é preciso cessar a chegada do lixo e dar tempo ao desaguar. A chuva leva⁸. Quais corpos aqui dedicam alguns minutos do seu dia para contemplação das simplicidades, para cura⁹ em um momento de amor pequeno como ouvir um *ronronar*¹⁰?

Isso, para os corpos d’água, é essencial à sua existência, é o exercício maior de sensibilização para o mundo, para o outro, para o que está fora e, por conseguinte, dentro. Sentido algum faz para estes corpos ouvir sobre sustentabilidade^{11, 12}, conservação, preservação, cuidado com o ambiente, se não estão eles mesmos entranhados nos veios da Terra - “nosso lar não é a casa, nem a rua, nem a nação onde vivemos, mas a própria Terra”¹³. Para estes corpos:

Ético seria desenvolver um sentido do limite dos desejos humanos, porquanto estes levam facilmente a procurar a vantagem individual à custa da exploração de classes, subjugação de povos e opressão de sexos. O ser humano é também e principalmente um ser de comunicação de responsabilidade. Então ético seria também potenciar a solidariedade generacional no sentido de respeitar o futuro daqueles que ainda não nasceram. E por fim ético seria reconhecer o caráter de autonomia relativa dos seres; eles também têm direito de continuar a existir e a co-existir conosco e com outros seres, já que existiram antes de nós e por milhões de anos sem nós. Numa palavra, eles têm direito ao presente e ao futuro.¹⁴

Nesse ponto, é preciso esvaziar as malas e postar-se diante da vida de mãos vazias, liberadas para tatear o imperceptível aos olhos¹⁵ e ativar outras potências do corpo. “Quem se lança a essa aventura é convidado a conectar-se com o pulsar da

⁶ TESSLER, 2003.

⁷ DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21.

⁸ Vídeo 1: Jaloo - Chuva <<https://bit.ly/2SovaR4>>

⁹ FERNANDES, 2013.

¹⁰ Vídeo 2: Som de ronronar de gato <<https://bit.ly/2AKIA3P>>

¹¹ Vídeo 3: Cameron Sinclair – O que é sustentabilidade? <<https://bit.ly/2zNi2yr>>

¹² Vídeo 4: Cameron Sinclair – Sustentabilidade para quem? <<https://bit.ly/2rd7XWK>>

¹³ LOVELOCK, 2010 apud SOLER, 2011, p. 113.

¹⁴ BOFF, 2004, p. 23-24.

¹⁵ SAINT-EXUPÉRY, 1943.

vida em seu corpo e com caminhos para os quais esse pulsar aponta”¹⁶. O visível torna-se senão uma cegueira¹⁷ diante do que está no entre, no intermeio, no encontro.

Este é um trabalho que experimenta a educação ambiental a partir das sensações do corpo. Essa própria experimentação é o seu fim último, não tendo por objetivo demarcar ou concluir nada, na medida em que é, justamente, uma ante demarcação e uma ante conclusão. Este trabalho fala da educação ambiental colocando o corpo que observa como parte do corpo que é observado, por isso não existe uma linha que separa o sentir do observar. É por não querer transformar a natureza em um objeto, mas reconhecer a sua entidade viva, que não existe uma conclusão possível.

É pelas margens de um rio que, escolhendo mergulhar em suas águas, se entra ou sai de seu leito. Se há um matagal em sua borda, que bloqueia a visão das margens, dificilmente um corpo se arriscaria a entrar na água, mas é justamente pela ousadia e curiosidade, que cometemos loucuras. Convido você a explorar esses encontros de corpos, do seu próprio corpo com as águas do rio, deixando-se levar pela correnteza até o mar.

A cada encontro: uma experimentação de si. A cada experimentação de si: uma nova rede de afectos e de encontros é iniciada. [...] É inacabável o mapeamento das conjugações.¹⁸

Caso você não seja capaz de acompanhar as águas e seus corpos, ou que se afogue na correnteza dos encontros, volte à margem, saia do rio e siga por terra até a PISCINA¹⁹. Mas esteja avisada, este movimento, que é o da *higienização* do rio - da retirada das partículas, pedras, folhas e seres vivos que nele se encontram - é também, o assassinato deste mesmo rio. A morte de sua beleza.

¹⁶ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183.

¹⁷ FERNANDES, 2013.

¹⁸ Ibid., p. 64.

¹⁹ Vídeo 5: É preciso aprender a ficar submerso <<https://bit.ly/2AlpH1>>

LEITO²⁰

O convite está feito: qual o tamanho da sua vontade para ser um amante dos acasos? [...] É isso, este é o momento decisivo de permanecer na leitura ou guiar o corpo até a margem e sair da água.²¹

O mergulho nessa água não será apenas com o corpo carne, mas também com o corpo alma²². Também não será um *banho*, antes disso, essa água é suja²³, densa, miasmática²⁴, perturbando as funções vitais de quem decide mergulhar. O transitar nessa água precisa passar pelas marcas feitas nesse mesmo corpo²⁵.

Ainda que as margens de um rio sejam tão constitutivas dele mesmo quanto seu leite, é preciso acompanhar esse corpo d'água para conhecer todas as possibilidades de margens que ele apresenta. Inevitável seguir sua correnteza, por vezes a nado, por vezes apenas sentindo a massa de água te conduzir "(...) na produção de mapas referentes aos encontros vividos nesses trajetos e aos afetos e sensações produzidas"²⁶; sem nunca perder a prudência do senso crítico para não se afogar²⁷. A ênfase dada está no percurso, não em objetivos pré-estabelecidos²⁸. Para conhecer este percurso não há outro modo senão seguindo ele. Se pretende-se conhecer o percurso do fluir²⁹, não há possibilidade de sentar em suas margens e observá-lo passar.

A cartografia chega aos corpos como uma alternativa de experimentarem-se em novas formas de existência³⁰. Algumas línguas podem dizer que a escrita cartográfica é sobre invenção, outras dizem ser criação, há as que digam ainda serem loucos devaneio. Tudo isso porque ela não se prende a analisar dados ou descrever objetos, mas se propõe a acompanhar processos, a tensionar espaços e tempos no encontro dos corpos. Na cartografia "pesquisador, pesquisado e objeto emergem em um campo de forças que os posiciona tensionalmente em processos

²⁰ Vídeo 6: Elza Soares e Pitty – Na pele <<https://bit.ly/2PtXmR0>>

²¹ BOMBASSARO, 2017, p. 11.

²² Vídeo 7: Ibeyi - River <<https://bit.ly/2Rtl9Cp>>

²³ COSTA, 2014.

²⁴ CHERNOVIZ, 1851.

²⁵ LIBERMAN; LIMA, 2015.

²⁶ *Ibid.*, p. 183.

²⁷ BOMBASSARO, loc. cit.

²⁸ COSTA, op. cit.

²⁹ DELEUZE; GUATTARI, 1996.

³⁰ KIRST et al., 2003.

de coprodução mútua e simultânea, na tecitura de fios a compor uma teia que os sustenta, em um horizonte de significação possível”³¹.

Narrar o percurso de um rio exige entrega e alma, tendo na mente e na ponta da língua as palavras e sentimentos para dar sentido ao que se conta. É preciso ter coragem³² e clareza: há que se atentar para a medida exata, como uma gota d’água que enche um copo sem transbordá-lo. Não é somente sobre algo ou outrem que se fala, mas também de si mesma. Porém não “há nenhuma receita geral. Acabamos com todos esses conceitos globalizantes”³³. Não há aqui uma narrativa histórica, dessas de um historiador que tem o compromisso com a verdade³⁴, ela é justo algo no entre a ficção e a realidade; não é nem uma, nem outra.

Contar histórias é trazer à baila, trazer à tona. Não é uma atividade inútil. [...] Espero que vocês saiam e deixem que as histórias lhes aconteçam, que vocês as elaborem, que as reguem com seu sangue, suas lágrimas e seu riso até que elas floresçam, até que você mesma esteja em flor. Então, você será capaz de ver os bálsamos que elas criam, bem como, onde e quando aplicá-los. É essa a missão. A única missão.³⁵

As palavras aqui *contidas* falam sobre os trajetos de corpos d’água, de lágrima, rio, suor, de corpos que catalisam sensibilidades, mas que não se fazem enzimas, pois jamais permanecem os mesmos após as reações. Essas narrativas falam sobre alunas, vizinhas, professoras, amigas. Sobre construção de um caminho conjunto, que seria impossível ou sequer faria sentido se solitário. Falam sobre tentativas de uma educação ambiental pautada numa visão de mundo holística³⁶ e humana em essência, nunca sobre resultados ou fins de algo.

Essas palavras não trazem dados, números, estatísticas, respostas. Não há sequer perguntas *a priori* estabelecidas³⁷. Tudo que encontrarás será um misto de momentos vividos e momentos sonhados. Não há como falar sobre subjetivação senão da sua própria. Não há como falar da constituição de algo se não conhecer inteiramente esse algo. Não há como falar sobre sensibilidade senão em estado de disponibilidade para o encontro. “Ao invés de ir a campo atento ao que se propôs

³¹ SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 814.

³² Vídeo 8: Mc Tha - Valente <<https://bit.ly/2roCDVb>>

³³ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 168.

³⁴ PESAVENTO, 2003; COSTA, 2014.

³⁵ PINKOLA-ESTÉS, 2014, p. 517.

³⁶ CAPRA; EICHEMBERG, 2006, p. 15.

³⁷ COSTA, op. cit.

procurar, guiado por toda uma estrutura de perguntas e questões prévias, o aprendiz-cartógrafo se lança no campo numa atenção à espreita”³⁸.

O território dos encontros se deu durante o desenvolvimento do projeto de Educação Ambiental por mim pensado, escrito e *ministrado* em uma Escola Pública Municipal da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, e no bairro do entorno. Imprescindível dizer que esse território se estendeu muito mais ao entorno da escola do que ao prédio e às salas de aula. Estendeu-se à vizinhança, aos becos e vielas, ao Parque, ao Arroio, aos ônibus de ida e volta, à minha própria casa, à Universidade Federal e às várias outras superfícies que meu corpo e mente tocaram³⁹ durante esse espaço-tempo.

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga.⁴⁰

É no percurso que se faz o que contar: da saída de casa até a escola, nas andanças dentro do bairro antes, durante e após as aulas, nos encontros em sonhos e em tardes ensolaradas⁴¹. É no planejamento anterior e na reflexão após a experiência vivida, no olhar perdido na janela de um ônibus, no diálogo com as amigas num dia chuvoso, nas leituras acompanhadas de uma xícara de café. A experiência da narrativa “se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós”⁴². O corpo precisa cultivar a habilidade de olhar além dos olhos, ouvir além dos ouvidos e sentir além da pele.

Dos encontros e transbordamentos dos corpos d’água irrompem algumas narrativas descritas em uma sequência de 5 partes: OLHO D’ÁGUA, AFLUENTES, MEANDRO, CONFLUÊNCIA, DESEMBOCADURA. Essas partes não são separáveis na prática, mas aqui as encaro como uma fotografia macro da teia de uma aranha, na qual é possível enxergarmos cada ponto de ligação de uma mesma rede, sem os quais a existência do todo se faria impossível. A experiência de cartografar e escrever essas linhas se assemelha mesmo a atividade de uma

³⁸ ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 143.

³⁹ Vídeo 9: Zélia Duncan - Alma <<https://bit.ly/2KNWmGA>>

⁴⁰ PASSOS; BARROS, 2009, p.30.

⁴¹ BOMBASSARO, 2017.

⁴² BARROS; KASTRUP, 2012, p. 73.

aranha, imersa em sua meticulosa e dedicada tecitura⁴³, liga cada ponto ao outro com método e paciência sem perder a atenção ao mundo a sua volta. E cada fio conectado, é uma experiência única, irrepitível no próximo ponto, assim como a organicidade do vivido.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.⁴⁴

Há coragem em você para colocar-se em estado de disponibilidade para o encontro e sujar-se nessa brincadeira?

⁴³ Vídeo 10: Aranha tecendo sua teia <<https://bit.ly/2AKDdjZ>>

⁴⁴ BONDÍA, 2002, p. 24.

OLHO D'ÁGUA⁴⁵

O momento mágico é aquele onde começa-se as coisas, exatamente aquele momento que estamos vivendo agora. A história começa quando acaba e acaba quando começa. O primeiro elemento de uma série não significa, portanto, o início de tudo, porém pode redimensionar toda a sua sequência. A história está sempre se reconstruindo.⁴⁶

Praticar educação ambiental é pertencer ao meu próprio mundo de ideais e bem querências. É compartilhar o amor à vida, aos seres e às coisas, que pulsa em mim⁴⁷, transparecido na minha atuação profissional. Por vezes meu brilho no olhar penetra outras almas que se manifestam impressionadas com tal encanto. Não cometo aqui a loucura de afirmar que haja só belezas na arte de educar, mas ousar dizer que há de se manter vivo o amor por tal atividade⁴⁸. Assim como desejo que essas *estórias* se reconstruam ao longo do tempo - por natureza, tão relativo e transitório quanto o estado das coisas -, eu mesma me reconstruo.

Ele está adoecido, e nós também. Os olhos não são mais verdes, as lágrimas não são mais azuis. Tudo é cinza, do fundo lodoso ao que boia em sua superfície. O *arroio perdeu sua dignidade*. Que frase forte e significativa para se escutar em uma tarde de trabalho. Se bem que ele perdeu mesmo a cor das bochechas e a vivacidade do olhar. Do nosso olhar⁴⁹. Do olhar sobre ele, sobre o entorno, sobre a natureza.

[...] toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja Natureza. Nesse sentido, o conceito de Natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens [...]. Dessa forma, é fundamental que reflitamos e analisemos como foi e como é concebida a Natureza na nossa sociedade⁵⁰.

Como cuidar de um corpo doente? Como então, médicas e enfermeiras, mesmo diante de tantas enfermidades seguem seu trabalho com empenho e esperança? Há de ser a morte um novo começo. O coma em que esse corpo d'água

⁴⁵ Local onde a água subterrânea atinge a superfície dando origem a um curso d'água; nascente. FERREIRA, 2004, p. 513.

⁴⁶ TESSLER, 2003, p. 197.

⁴⁷ Vídeo 11: John Lennon - Imagine <<https://bit.ly/2BKZfVL>>

⁴⁸ FREIRE, 1996, p. 139.

⁴⁹ Vídeo 12: Vandana Shiva – Monocultura da vida <<https://bit.ly/2E8TyTT>>

⁵⁰ GONÇALVES, 2006, p. 23.

se encontra o deixa inabitável, porém não irrecuperável. Nesse caso, há que se cessarem a máquinas de Nitrogênio, Fósforo e Enxofre que despejam seus conteúdos nesses pulmões. Mas também, não é de máquinas de Oxigênio que precisamos, apenas de tempo. Compreensão⁵¹, cuidado e tempo.

A degradação ambiental decorre, dentre outros aspectos da forma como percebemos o meio ambiente. A ausência, inadequação ou escassez do conhecimento gera ações que em geral, estão em desacordo com as leis naturais. Quanto mais aprendemos, entendemos a realidade em que vivemos, mais comprometidos e solidários tornamo-nos.⁵²

Naquela tarde os corpos percorriam o território da Horta. E também o das descobertas sensoriais. Todos os sentidos do corpo foram estimulados por diversas plantas. O olfato, o tato, o paladar, a visão e, inclusive, a audição - mobilizada nas descrições e histórias contadas sobre aqueles seres vivos peculiares. Os corpos, por sua natureza aquosa, comunicam-se “através da cor e da temperatura, do rubor do reconhecimento, do brilho do amor, das cinzas da dor, do bailado ínfimo e constante, às vezes oscilante, às vezes agitado, às vezes trêmulo”⁵³ de suas águas.

As bases da percepção são fisiológicas e anatômicas e ocorrem mediante os órgãos sensoriais. No que tange à percepção ambiental é mais usual lançar mão da percepção visual. É através da visão que os homens se expressam e se comunicam mais frequentemente. O mundo moderno é visual, é feito de cores e formas, principalmente. [... Mas], percebem-se não as formas, mas os objetos que têm significado [...] para nós, para atender às nossas necessidades e interesses. [...] A teoria de Piaget postula uma explicação cognitiva, e assim a percepção é encarada como parte integrante da vida cognitiva do sujeito, sendo uma atividade, um processo. Por conseguinte, a percepção é o conhecimento que adquirimos através do contato atual, direto e imediato com os objetos e com seus movimentos, dentro do campo sensorial. [...] a teoria de Piaget [...] interpõe entre a percepção e a inteligência, uma atividade perceptiva, que mantém um *continuum* processo entre elas.⁵⁴

Foi nesse ínterim de imagens e sensações que se deu, justo por uma "coincidência significativa"⁵⁵, o encontro com Parnaíba⁵⁶, um daqueles corpos que

⁵¹ Vídeo 13: Jean-Michael Cousteau – Estamos ligados por rios e oceanos <<https://bit.ly/2U7XdGn>>

⁵² SILVA & LEITE, 2008, p. 375.

⁵³ PINKOLA-ESTÉS, 2014, p. 230.

⁵⁴ OLIVEIRA; MACHADO, 2004, p. 130-131, grifo das autoras.

⁵⁵ JUNG, 2000.

não é somente água, mas também luz. Aqueles corpos-vagalume que iluminam caminhos e inspiram trajetórias. Os corpos d'água são amantes das acausalidades, é na sincronicidade da vida que descobrem seu verdadeiro sentido. Nelas e nos encontros⁵⁷, há que se dizer. Bueno, se a sincronicidade e o encontro se manifestam simultâneos no espaço-tempo, há que se valer dessa dádiva: incluímos os relatos de Parnaíba no nosso compilado de filmagens.

O acontecimento dá-se por um encontro que desestabiliza um estado de coisas, desterritorializa uma organização subjetiva, uma corporeidade, uma teia de sentidos. Para acompanhá-lo, é preciso ir além do momento de desestabilização ou crise e poder criar novos corpos, ritmos, mundos à altura do acontecimento feito de simultaneidades.⁵⁸

Das muitas trocas que tivemos ali, algumas palavras de Parnaíba causaram transbordamentos naqueles corpos. Do tanto de sabedoria por ela compartilhado, suas falas perpassavam conceitos de Justiça Social⁵⁹, Educação Ambiental Holística⁶⁰ e Ecologia Profunda⁶¹. Sem ao menos citar um sequer desses conceitos ela falava, na verdade, da sua própria vivência e construção pessoal:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.^{62 45}

Há um caminho a ser percorrido quando se propõe educar. Nunca um caminho solitário, muito menos isolado e, ainda menos, pronto *a priori*. O educar o

⁵⁶ Para **preservar** a estrutura poética da escrita, os nomes de pessoas e lugares ao longo do texto serão substituídos por nomes de rios do Brasil, escolhidos aleatoriamente.

⁵⁷ Vídeo 14: Encontro das águas – Rio Negro e Rio Solimões <<https://bit.ly/2PfdVlk>>

⁵⁸ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 187.

⁵⁹ ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009, p. 41.

⁶⁰ CAPRA; EICHEMBERG, 2006, p. 15.

⁶¹ Conceito proposto pelo filósofo norueguês Arne Naess, em 1973, que tem por ideia central a rejeição ao dualismo histórico entre animais humanos e Natureza. Segundo Fritjof Capra, sobre a Ecologia Profunda: “O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas. [...] A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processo).” (CAPRA, 1996, p. 15) No Brasil, o Prof. José Lutzemberger havia proposto ideias semelhantes que desencadearam o movimento ecológico brasileiro com a criação da AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural).

⁶² FREIRE, 2006, p. 43.

outro é educar-se a si mesmo⁶³, é estar em movimento constante de trocas. Um movimento semelhante cartógrafos, que percorrem territórios para construir mapas, fazem - sejam físicos ou virtuais esses percorrerem. Porém, nesse caso, são territórios de subjetividades, territórios não mensuráveis, mas que, quando vividos, são inteligíveis e quase podem ser tocados.

Não faz mal você conhecer ou não, estar preparado ou não, não faz mal que você tenha ou não tenha propriedade para estar ali. A única exigência, aqui, é que você esteja distraído o suficiente para se deixar interpelar. Pois essas coisas só acontecem quando você não está procurando, só acontecem quando você menos espera. Qualquer lugar é lugar para os encontros.⁶⁴

Quando se propõe educar para a sensibilidade, é impreterível fazer-se sensível no encontro⁶⁵. É preciso ser um corpo com “capacidade expressiva para registrar reações imediatas, para ter sentimentos profundos, para pressentir”⁶⁶. Impossível me fazer entender sobre sensibilidade se eu mesma não estiver disposta a tal estado de consciência.

⁶³ FREIRE, 1996.

⁶⁴ CORSEUIL; COSTA, 2014, p. 223.

⁶⁵ Vídeo 15: Novos Baianos – Mistério do planeta <<https://bit.ly/2PhE6G2>>

⁶⁶ PINKOLA-ESTÉS, 2014, p. 230.

AFLUENTES⁶⁷

Perambulamos no entorno da escola por uma tarde inteira, debaixo de um sol escaldante. Conversei com vizinhos, pedi indicação para as professoras, e nada de encontrar a tal de nascente do Arroio. Eu mesma estava desbravando novos *territórios* naquele terreno. Tinha um pequeno mapeamento do trajeto que seguiríamos no dia seguinte, ao menos um caminho estava traçado. Porém, as continuidades da vida são por vezes curiosas, o que veio a seguir me desterritorializou novamente. Não que tivesse sido em vão aquela tarde, havia sido estabelecido o primeiro contato com Paraguaçu, mas também não que tivesse sido tão relevante.

Durante a caminhada da aula, comentei minha aventura em busca da nascente e obtive como resposta, com um misto de espanto e curiosidade: “Mas por que tu não nos pediu ajuda? Nossos antepassados conhecem bem a Lomba.” Nem sabia o que responder, ri da minha própria empáfia e ousadia, como pude - como pude? - deixar isso me escapar por entre os dedos? “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”⁶⁸. Foi como a sensação de alguém que tenta conter a água com as próprias mãos. Vi meu ego escorrer até o cotovelo. Ah, vã sabedoria: a água, apesar de coesa, não se contém assim numa pegada. Não é possível “pensar certo e ensinar certo”⁶⁹, sem reflexões que movem mudanças.

Desse acontecimento me suscitaram muitos questionamentos, um deles, se realmente fazia sentido explorar o território que já era mesmo delas. E foi no âmbito dos encontros e da sincronicidade que a fertilidade do trabalho se mostrou; na fresta das paredes e dos conteúdos, no respiro dos corpos, na contemplação do mundo, na construção conjunta dos trajetos seguidos.

Alguns encontros elevam, ao máximo, a potência de agir e a força de existir de um corpo, e outros reduzem-nas. Um bom encontro é aquele que convém, alegra, vigora, e intensifica a força de existir. Um mau encontro é aquele que enfraquece e entristece. Portanto, os termos bom e mau expressam, unicamente, a variação da capacidade de agir de um corpo.⁷⁰

⁶⁷ Curso de água que deságua noutro, ou em lago. FERREIRA, 2004, p. 21.

⁶⁸ FREIRE, 1996, p. 31.

⁶⁹ FREIRE, op. cit.

⁷⁰ FERNANDES, 2013, p. 64-65.

O encontro com Paraguaçu havia iniciado uma *deslocação* nos corpos, foi ele o fomentador de vários outros encontros com outros rios. A perspectiva do que se pretendia continuava a mesma, mas a forma como seria conduzido o trabalho mudou. Estávamos ali como catalisadores de reações nas próprias soluções aquosas. Ninguém sai de um encontro do mesmo jeito que chegou. Aquelas ruas já não eram mais apenas as ruas que levam até a escola e depois até em casa, eram agora o *nosso território* de encontros. “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”⁷¹.

Foi nas saídas e retornos da Lomba e dos encontros que foram tomando forma os corpos d’água. A cada passo dado nesse caminhar, novas possibilidades de andar se mostravam⁷². Eu precisava manter-me plástica, para jamais engessar os devires que brotavam sem cessar daquele campo fértil que fomos arando. De nada me adiantava estar convicta de que tal ou qual conteúdo seriam relevantes para *educação ambiental* a que me propunha, se o que aconteceria ali não atravessasse os corpos. “Ensinar exige reflexão sobre a prática”⁷³. Não ousou dizer que há de se manter o interesse sempre desperto, impossível saber o que vai em outra alma, mas me mantive alerta na tentativa de cativar. Buscava cultivar afetos e me deixar afetar, o encontro é isso: coafetação.

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. (...) O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais a potência de agir é aumenta ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor.⁷⁴

Eu procurava a nascente para então iniciar a ligação dos pontos do Arroio, montando nas mentes o seu traçado físico e sociocultural. A esta altura, no começo dessa empreitada, ignorava eu que o rio não tem começo ou fim, que a cada ponto de seu percurso, há início e fim em si próprio. E foi na andança dos corpos que vi de fato o percurso de suas águas se constituir, os encontros vieram tão

⁷¹ FREIRE, 1996, p. 96.

⁷² Vídeo 16: Siba e a Fuloresta – Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar
<<https://bit.ly/2Q88NCW>>

⁷³ Ibid., p. 3.

⁷⁴ SPINOZA, 2017, p. 98-99.

sincronicamente⁷⁵ que ao fim vi que já não era eu mesma que controlava as coisas, que nem cheguei a tal façanha em momento algum.

“(...) o educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.”⁷⁶

A sincronicidade não se detém sob o meu olhar ou sob o *destino* que está a sua frente, ela se dá no intermeio das duas coisas. Ela está a todo tempo no universo, basta que abramos nosso canal de comunicação e sensibilidade para ver a simultaneidade entre nosso estado psíquico e as situações exteriores, para perceber sua relação a princípio não aparente, mas que altera a nossa compreensão da realidade⁷⁷. A oferta de possibilidades foi tudo que meu corpo fez, tudo mais que aconteceu, já não cabia ao meu orgulho. A rigorosidade metódica⁷⁸ centrava-se na manutenção da essência do que se propunham os corpos ali: acreditar no mundo. Acreditar em si mesmos enquanto potências no mundo e enquanto próprio mundo.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos.⁷⁹

⁷⁵ JUNG, 2000.

⁷⁶ FREIRE, 1996, p. 110.

⁷⁷ JUNG, op. cit.

⁷⁸ FREIRE, op. cit., p. 28.

⁷⁹ DELEUZE, 1992, p. 218.

MEANDRO⁸⁰

Diversas vezes, o modo de estar no mundo daquele corpo despertava a curiosidade de outros corpos. Coisas tão simples, como admirar o desfolhar das árvores ao vento⁸¹ ou apreciar os raios de Sol bailando entre os galhos, causava estranheza e admiração. Aquele corpo era mesmo incomum, estava no mundo de uma forma singular, era tão aquoso que por vezes escorria de si mesmo. Quando os outros corpos começavam a comentar, aquele corpo percebia a si mesmo realmente como louco⁸². Ele nunca quis ser normal em um mundo doente. “Ensinar exige alegria e esperança”⁸³. Jamais cogitou higienizar-se de seus sentimentos.

Porém, houve semanas em que esse corpo d'água secou⁸⁴. Que triste momento ver um corpo assim seco, nem lágrimas tinha para chorar. Verdade também que ele se umedecia novamente nos encontros e nas trocas estabelecidas com os outros corpos. Apesar de ser assim tão estranho, ranhuras nesse corpo evidenciavam um inúmero de possibilidades para outras existências. A ausência de padrões permitia uma maior liberdade para fluidez da vivência. Esse corpo desconfia inclusive que essas ranhuras podiam ser percebidas pelos outros corpos e que poderiam ser elas as mobilizadoras da ida aos encontros. Quatro corpos foram os que se mantiverem sempre presentes: corpo-lésbica, corpo-bi, corpo-negra, corpo-gay. Ainda que não fosse essa a intenção ali, essas marcas estiveram presentes em todo o percurso. E haveria como dissociar um corpo de suas marcas? “Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica”⁸⁵.

Após as eleições⁸⁶ a secura foi tanta que esse corpo paralisou. Não tinha energias para estar com inteireza no encontro, suas águas haviam diminuído o fluxo e precisava represar. “A pausa é germe do porvir, sem ela não existem as descontinuidades que proporcionam o aprendizado”⁸⁷. Conseguiu apenas ir até o rio pois sabia da responsabilidade e compromisso que tinha com os outros corpos. “Ensinar exige comprometimento”⁸⁸. Foi para avisar de sua ausência.

⁸⁰ Sinuosidade de curso d'água, de caminho, etc. FERREIRA, 2004, p. 465.

⁸¹ Vídeo 17: Luedji Luna – Banho de Folhas <<https://bit.ly/2StZtpR>>

⁸² Vídeo 18: Os Mutantes – Balada do louco <<https://bit.ly/2FUvAxr>>

⁸³ FREIRE, 1996, p. 70.

⁸⁴ Vídeo 19: Adriana Calcanhotto – O cu do mundo <<https://bit.ly/2QkVOhk>>

⁸⁵ Ibid., p. 122.

⁸⁶ Vídeo 20: Francisco, el hombre – Bolso nada <<https://bit.ly/2Q7pj6h>>

⁸⁷ FERNANDES, 2013, p. 18.

⁸⁸ FREIRE, op. cit., p. 94

Compreenderam. Não haveria como ser diferente, tendo em vista os corpos que ali se encontravam⁸⁹ e a secura que esse momento causava. Essa pausa foi um *encasulamento* essencial para sobrevivência⁹⁰ de um corpo devastado. Imprescindível para seu retorno com gana⁹¹ de viver e lutar.

⁸⁹ Vídeo 21: Não Recomendados – Não recomendado <<https://bit.ly/2AQIJmj>>

⁹⁰ Vídeo 22: Elza Soares – Banho Prt. Ilu Obá de Min <<https://bit.ly/2Rx8yOy>>

⁹¹ 2º Mergulho: No tengo dolores. Solamente cansancio... y como es natural muchas veces desesperación. Una desesperación que ninguna palabra puede describir. Sin embargo tengo ganas de vivir. (Frida Kahlo)

CONFLUÊNCIA⁹²

Eu ainda estava lá por uma causalidade. Fiquei esperando o intervalo. Um pouco antes das 10h30 ouço gritaria e alvoroço no pátio e alguém entra na sala anunciando que *havia uma cobra na escola*. Já imaginando o triste fim que ela teria, eu saio rápido e vou até o lugar. Era uma inofensiva cobra-verde, a espécie não tem peçonha nem comportamento agressivo, mas o desconhecimento e a ignorância coloca todo e qualquer ser em risco. Decidi, sem hesitar – bem na verdade meu corpo respondeu sem que a mente pudesse articular –, intervir e auxiliar no *resgate* do animal. Tentei colocá-la numa caixa mas, como boa ambulante de árvores que é, ela escapava à armadilha. Após diversas tentativas frustradas de encaixotá-la, ela fugiu da saleta de materiais e se esgueirou pela quadra. Nessa altura dos acontecimentos as professoras já gritavam de um lado, as crianças de outro, e eu em um terceiro pedindo - ao contrário do restante das vozes - para que não a matassem. Apenas a voz de outra professora de Ciências se juntou ao meu coro e seu corpo veio me auxiliar na captura da tal da cobra.

Após muitas fugas e recapturas, com todos os corpos já cansados, a cobra se entregou. Com uma luva de borracha conduzimos o animal até o Parque que fica do outro lado da estrada. Findada a confusão, retorno a sala rindo da situação. A professora que *pegou* a cobra vira celebridade. Por vezes positivamente comentada, por vezes julgada. Jaguaribe entra também na sala e com um ar de preocupada comenta com as pessoas ali presentes [mantendo o olhar em mim]: “Quando a escola sem partido for instaurada, isso não poderá mais acontecer. Se entrar um *bicho* na escola, é morte! A segurança das crianças em primeiro lugar. Para vocês verem” e saiu. O que somos nós se não bichos? Ela falava ali sobre a morte de um ser tido como repugnante. Eu, ouvia sobre a morte de um corpo, de uma vida, de uma ideologia. “Na verdade, só ideologicamente posso matar as ideologias, mas é possível que não perceba a natureza ideológica do discurso que fala de sua morte.”⁹³

Saí de lá irrequieta e pensativa. Não há de ser a história desse corpo-serpente a de muitos outros corpos? Corpos-estudantes, corpos-professoras, corpos-desviantes. Tantas mortes o sistema constrói, quantas vezes meu próprio

⁹² Lugar onde se juntam dois ou mais rios. FERREIRA, 2004, P. 178.

⁹³ FREIRE, 1996, p. 129.

corpo é visto como abjeto. Esses corpos passam por tentativas diárias de assassinato de sua criatividade, de sua sensibilidade, de sua existência; desafogo pra aqueles que conseguem subir em árvores!

Era uma dinâmica sobre as opressões que estavam acontecendo ali, mas também era sobre as que aconteciam fora daquelas paredes, fora daqueles muros. Era sobre a morte, mas também era *sobreviver*.⁹⁴

No dia seguinte, quando fui à sala pegar alguns materiais, Jaguaribe *comenta despretensiosamente* comigo que um pai havia conversado com ela, dizendo que tinha visto a mesma cobra voltar para a escola. Que acuidade visual e olhar atento desses humanos, não é mesmo? Ou será que essa cobra tinha marcas que a identificavam tão profundamente a ponto de novamente sofrer uma tentativa de assassinato?

Por vezes procuro levar o meu e outros corpos para a mata, deixar que serpenteiem livres pela grama. Outras vezes, procuro me manter firme dentro da instituição, buscando os buracos das paredes para respirar aliviada, na certeza de que não estou sozinha nessa trajetória. Esses corpos precisam mesmo se encontrar para permitir o surgimento de um novo rio.

⁹⁴ BOMBASSARO, 2017, p. 29, grifos da autora.

DESEMBOCADURA⁹⁵

Os corpos transitavam⁹⁶ pelo Parque. Passaram pela paisagem dividida entre a grama seca e queimada, logo abaixo dos Eucaliptos, de um lado, e a composição de árvores frondosas de mata nativa, do outro. Comentavam sobre suas composições e sobre as possibilidades da presença do fogo ali. Desceram pelos veios que estavam abertos na terra por uma chuva forte anterior, em uma parte de campo aberto do caminho. Precisaram atravessar uma pequena porção do Arroio antes de adentrarem a mata, agora já contaminados⁹⁷ com suas águas. Se há algo que esses corpos fizeram naquela tarde foi sujarem-se.

Seu destino era o conhecido Campo 2. Tinham combinado de realizar um piquenique⁹⁸ no quiosque como forma de despedida; partida temporária, eu diria, como é da natureza do “adeus”. Havia algo dessa aura de mistério e incertezas que as despedidas trazem, sintomas de saudade. Bom, se naqueles corpos haviam sintomas de saudade, então haviam conexões, havia afeto, havia intimidade⁹⁹.

Esse afeto foi construído pelos corpos nos seus diversos encontros¹⁰⁰. Havia explorado o próprio mundo, é verdade, mas agora o faziam em companhia. Não perambulavam mais sozinhos, estavam afeitos a presença uns dos outros. Havia apenas uma testemunha disso tudo: o rio.

[..]tomar o rio como testemunho, como síntese, é abrir-se para a multiplicidade dos seus papéis e registros. São vários os rios, como são várias as formas de sua apropriação simbólica e material.¹⁰¹

Esse corpo d'água testemunhava as mudanças que os outros corpos sofriam na sua caminhada: entravam calçados e saíam descalços os corpos que se aventuravam por aqueles campos. Não porque os sapatos se perdiam dos pés, mas porque se escolhia aceitar o convite da mata para descalçar e aguçar os outros sentidos do corpo além da racionalidade.

⁹⁵ Ou foz: ponto onde um rio (ou outro curso fluvial) deságua, no mar, num lago ou noutro rio. FERREIRA, 2004, P. 224.

⁹⁶ Vídeo 23: Nicola Cruz - Colibria <<https://bit.ly/2PeFkBT>>

⁹⁷ COSTA, 2014.

⁹⁸ Vídeo 24: Marisa Monte – Não é proibido <<https://bit.ly/2PhrwXB>>

⁹⁹ Vídeo 25: Jaloo ft. Mc Tha – Céu Azul <<https://bit.ly/2Ecy2xr>>

¹⁰⁰ FREIRE, 1996.

¹⁰¹ BARBOSA; PAULA; MONTE-MÓR, 1997, p. 262.

Chegando ao Campo, sentaram-se para recuperar o fôlego e secar o suor. Um dos corpos havia preparado, carinhosa e dedicadamente, uma refeição para os demais. Queria poder transpor, dessas palavras para as papilas gustativas de quem as lê, o prazer de compartilhar aquela refeição. Partilhar o alimento gera uma dinâmica de congregação curiosa, já repararam o quanto comidas mobilizam encontros? Entre uma mordida e outra, os corpos exploravam os territórios uns dos outros: faziam perguntas, brincadeiras e trovações sobre a vida.

O que os corpos queriam mesmo ali, era saber o que os movia¹⁰². Um corpo em especial, guardava consigo a curiosidade pulsante sobre o que seria a motivação de encontro para os outros. Não ousava perguntar. Quem há de ousar querer saber sobre o que se passa no outro e não em si mesmo? Ainda assim mantinha seus órgãos atentos aos sinais e sintomas. Uma das possíveis respostas seria justamente as rachaduras. Esse corpo havia visto, desde o primeiro encontro, que suas marcas perpassavam também as marcas daqueles outros corpos, cada um a seu modo. Símbolos de sexualidade, etnia, classe social, ideologia, que estavam entalhados naqueles corpos, faziam com que se reconhecessem e se procurassem. Os corpos colocavam-se em estado de disponibilidade uns para com os outros.

Disponibilidade a vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim.¹⁰³

Com as energias reabastecidas pelo descanso e alimento, estavam prontos para continuar explorando o *território*. Encontraram outro campo amplo, com a grama vistosa, de um verde tão lindo que chegaram a suspirar¹⁰⁴. Suspiraram também pela brisa que acariciou suas peles, e pelo calor que sentiram vindo daquela estrela. Alguns corpos sentaram na sombra, outros ao Sol, tiveram ainda os que simplesmente se atiraram ao chão de prazer sem analisar a iluminação. Um dos

¹⁰² Vídeo 26: Cartola – Preciso me encontrar <<https://bit.ly/2Q8WrKN>>

¹⁰³ FREIRE, 1996, p. 131.

¹⁰⁴ Vídeo 27: Sylvia Earle – Preservar o meio ambiente é realmente importante <<https://bit.ly/2KOy4fr>>

corpos entoava um canto para Oxum enquanto os outros brincavam, e por ali ficaram. Divertiram-se tanto que nem viram o tempo passar.

Perto das 16h a sede era imensa e os corpos cogitavam voltar, mas ali o prazer era tanto que não conseguiam decidir por esse destino. Após algumas negociações decidiram caminhar até uma cachoeira que ouviram falar: havia ali perto. No caminho viram uma placa meio lápide - ou seria uma lápide meio placa? Dizia: “Por aqui”¹⁰⁵. Era linda a paisagem ao longo do caminho. Não essa beleza *puritana*, mas uma beleza da organicidade dos seres. Uma diversidade grande de plantas, a princípio caoticamente dispostas pelas margens da estrada, mas que sob um olhar mais cuidadoso e conhecedor poderia ter o porquê de seus lugares especulado.

Mais à frente cruzaram outro trecho do Arroio, mas dessa vez suas águas eram translúcidas, o chão não era mais cinza e sua correnteza não carregava mais lixo. Pois também não pense aqui em um rio higienizado, impossível se conceber essa ideia! Sendo um rio, havia vida nele. Havia folhas, seres, pedras, limo; ele apenas não estava mais poluído. Numa das curvas do caminho pararam para observar algumas folhas curiosamente enrugadas e uma linda flor. Naquela tarde os corpos – todos eles – estavam especialmente predispostos à contemplação. Os relógios haviam parado. Se perderam tanto naquele entremeio, que mal sabiam onde chegar.

Há coisas que o ser humano domina, como as máquinas, há outras que meramente conseguimos monitorar, como o tempo, e há outras que jamais poderemos controlar, como a natureza e o que se passa em um encontro. Os corpos d’água saíram de lá sem saberem se haviam chegado a outro rio, a um lago ou ao oceano¹⁰⁶. Mas isso pouco lhes importava, já estavam agora imersos no encontro.

¹⁰⁵ Vídeo 28: Maria Bethânia – Cântico Negro / Não enche <<https://bit.ly/2zA6K0f>>

¹⁰⁶ 3º Mergulho: PÓVOAS, 2003, p. 77.

GRAPIÚNA

Este rio é minha memória [...]
quadro-negro da escola
sobre o qual estão os versos
de minha gênese e de meu fim.
Este rio é minha sorte
com ele aprendi a vida
com ele estudo a velhice
com ele adivinho a morte
na corrida para as águas
do oceano que há em mim.

A_MAR¹⁰⁷

“Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas... a vida.”¹⁰⁸

Foi no encontro dos corpos d’água e somente nesse território, que se fez possível o percurso do rio. Nunca estavam desacompanhados, nem mesmo vazios.

“Assim é, quando nos deixamos atravessar e redesenhar por outros que nos visitam, muitas vezes se instalando e se tornando parte de nós mesmos”¹⁰⁹. Vários lugares foram habitados por esses corpos, mas foram nas trocas que se fez possível o devir de corpos catalíticos e potentes¹¹⁰.

Assim como o seu modo de habitar o mundo, os corpos aqui precisavam inventar. Inventar caminhos, inventar linhas, inventar projetos, inventar metodologias. Estes corpos precisam se manter “(...) suficientemente poroso[s] a estas microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças”¹¹¹, para então, das margens, brotar a vegetação ciliar. Aquela que mantém o rio e a terra em conexão, em contato, mas sem deixar que um, invada o espaço do outro¹¹².

¹⁰⁷ Vídeo 29: Maria Bethânia – Debaixo D’água <<https://bit.ly/2E7IXJ3>>

¹⁰⁸ Fala de Paulo Freire no documentário “Paulo Freire Contemporâneo”, produzido por Toni Venturi. A quem interessar possa, suas partes estão disponíveis nos links a seguir: parte 1 <<https://bit.ly/2EoAwZU>> / parte 2 <<https://bit.ly/2SEMph9>>

¹⁰⁹ MAIRESSE, 2003, p. 260.

¹¹⁰ 4º Mergulho: MELLO, 1981, p. 26.

COMO UM RIO

Ser capaz, como um rio [...]

Se tempo é de descer,
reter o dom da força
sem deixar de seguir.

E até mesmo sumir
para, subterrâneo,
aprender a voltar
e cumprir, no seu curso,
o ofício de amar.

¹¹¹ COSTA, 2014, p. 67.

¹¹² 5º Mergulho: MELLO, op. cit., p. 27.

[...] Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.
Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio.

É nessa potência do entre que se faz o vigor de vida, é esse o terreno fértil para “(...) sensibilidades produzidas nos processos de subjetivação que definem modos de olhar, viver e se relacionar com a intenção de deslocar, problematizar, criar pequenas e potentes possibilidades de aproximação com o campo da corporeidade”¹¹³. Não houve fórmulas ou receitas para esses corpos habitarem o território a que se propuseram explorar, apenas pistas de como seus sentidos poderiam operar para melhor conduzir sua atenção¹¹⁴.

“Viver exige sensibilidade”¹¹⁵. O trabalho ao qual os corpos aqui se dedicaram é um exercício de sensibilidade e de entrega, pressupõe tempo e disposição para potencializarem suas capacidades de afetação¹¹⁶.

Seja sensível. É assim que se limpa o rio. [...] Para criar é preciso que sejamos capazes de nos sensibilizar. A criatividade é a capacidade de ser sensível a tudo que nos cerca, a escolher em meio às centenas de possibilidades de pensamento, sentimento, ação e reação, e a reunir tudo isso numa mensagem, expressão ou reação inigualável que transmite ímpeto, paixão e determinação.¹¹⁷

Para chegar até aqui, foi necessário molhar-se nas águas do rio, foi preciso se fazer corpo d'água e compor o conjunto de encontros suscitados. Foi preciso parar algum tempo, desviar a atenção do mundo para as linhas e permitir-se estar nesse território. É imprescindível “(...) desconstruir modos de funcionamentos dos corpos para que algo possa ser inventado, (re)construído, (re)organizado na contramão de certos automatismos que anestesiam os corpos e as vidas”¹¹⁸. Sensibilizar-se para a vida é algo como permitir que sejamos *selvagens* novamente, é querer abster-se das roupagens que nos colocam numa *dimensão humana* separadamente da *dimensão animal*. Sendo o ser humano uma espécie animal – Homo sapiens¹¹⁹ – essa distinção dimensional nos desumaniza por fim.

¹¹³ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185.

¹¹⁴ KASTRUP, 2012.

¹¹⁵ CORSEUIL; COSTA, 2014, p. 229.

¹¹⁶ LIBERMAN; LIMA, op. cit., p. 185.

¹¹⁷ PINKOLA-ESTÉS, 2014. p. 361, grifo da autora.

¹¹⁸ FERRACINI et al., 2014, p. 225.

¹¹⁹ Para quem quiser aprofundar o assunto, indico o livro “Sapiens – uma breve história da humanidade”, escrito por Yuval Noah Harari e traduzido por Janaína Marcoantonio, 2015. Recomendo também o TEDx em que o autor comenta sobre a obra, disponível no link <<https://bit.ly/2zRfWgS>>

Seja selvagem. É assim que se limpa o rio. O rio não começa já poluído; isso é nossa responsabilidade. O rio não fica seco nós o represamos. Se quisermos lhe permitir sua liberdade, precisamos deixar que nossa vida ideativa se solte, corra livre, permitindo a vinda de qualquer coisa, a princípio sem censurar nada. Essa é a vida criativa.¹²⁰

São nos encontros que se criam realidades¹²¹. Tortuosa e povoada¹²² como as margens do corpo d'água, nossa realidade foi construída na zona dos encontros dessa *narração*¹²³ do percurso do meu rio. E o seu rio, onde se encontra? Suas águas estão assépticas ou é preciso sujar-se para conhecê-las? Há correnteza? Para onde corre¹²⁴?

Para chegar ao fim – ou recomeço - é preciso percorrer um longo caminho, transformar-se, ser sinuoso, subir e descer ao longo do trajeto. O rio nasce do fundo da Terra, escorre pelas montanhas e chega ao mar para então voltar ao fundo. Esse ciclo é infinito, mas nunca replicável. A cada chuva, a cada escoamento de água, a cada infiltração e a cada correnteza que se forma, um conjunto de novas possibilidades está posto no universo. O que posso dizer-lhe, num momento de ousadia de determinar algo é: comece.

¹²⁰ PINKOLA-ESTÉS, 2014. p. 361, grifo da autora.

¹²¹ LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 190.

¹²² COSTA, 2014.

¹²³ 6º Mergulho: PÓVOAS, 2003, p. 97

REPETIÇÃO

Já te disse tudo.

Disse com meu sorriso,

disse com meu olhar,

disse com minhas mãos,

disse com meu cantar.

Disse com minhas crises,

disse com os meus textos,

disse com o meu corpo,

disse com o coração.

Disse com minha glória,

disse com minha história,

disse com o meu medo,

disse com devoção.

Disse com minha alma,

disse com minhas dores,

disse com meus temores,

disse com minha calma,

disse com meu sofrer.

Agora, fico calado,

mas até meu silêncio

é outra forma de dizer.

¹²⁴ Vídeo 30: Pouca Vogal – Depois da curva <<https://bit.ly/2KTL7w4>>

“Comece. É assim que se limpa o rio poluído. Se tiver medo, tiver receio de fracassar, digo-lhes que comece já, fracasse se for preciso, recupere-se, recomece. [...] Não é o fracasso que nos detém, mas é a relutância em recomeçar que nos faz estagnar.”¹²⁵

Todo rio vai ao mar¹²⁶.

¹²⁵ PINKOLA-ESTÉS, 2014. p. 361.

¹²⁶ Último Mergulho: OSHO, 2006.

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece. Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano. Por um lado, é desaparecimento e por outro lado é renascimento. Assim somos nós. Só podemos ir em frente e arriscar. Coragem! Avance firme e torne-se Oceano!

GAROA: REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; MELO, Cecília Campello Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é justiça ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond. 2009.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 131-149.

BARBOSA, Francisco A. R.; PAULA, João Antonio de; MONTE-MÓR, Roberto L. de M. A bacia hidrográfica como unidade de análise e realidade de integração disciplinar. In: PAULA, João Antonio de (coord.). *Biodiversidade, população e economia: uma região de mata atlântica*. Belo Horizonte: UFMG: Cedeplar: ECMVC: PADCT: CIAMB, 1997 [acesso 2018 Agosto 10]. Disponível em <<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/padct/livro/LivroRelatorioFinal.zip>>

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 52-75.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOMBASSARO, Vitória Moro. *Corpos que atiram: Escritas sobre a resistência de uma estudante-professora*. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Biológicas, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, 2002; [acesso 2018 Julho 31]. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paul: Cultrix, 2006.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de medicina popular*. Segunda Edição. [s.l.]: Rio de Janeiro: Library of the University of Wisconsin, 1851. [acesso 2018 Novembro 28]. Disponível em <https://play.google.com/books/reader?id=LfAyAQAAMAAJ&hl=pt_BR&pg=GBS.PA1 >

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. *Na beleza do lugar, o Rio das Contas indo... ao mar*. Ilhéus: Editora da UESC, 2009.

CORSEUIL, Lucien Soldera; COSTA, Luciano Bedin da. Encontros fortuitos: notas biografemáticas sobre o prazer da aula. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 214-238.

COSTA, Luciano Bedin da. *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*. Revista Digital do LAV, v. 7, n. 2, p. 66-77, 2014. [acesso 2017 Outubro 26]. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>>

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, v. 3, 1996.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. [acesso 2018 Agosto 27]. Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g_-parnet-c-dic3a1logos.pdf><https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g_-parnet-c-dic3a1logos.pdf>

FERNANDES, Rosana Aparecida. *Passeios esquizos: cinema, filosofia e educação*. Maceió: EDUFAL, 2013.

FERRACINI, Renato; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; CARVALHO, Sergio Resende de; LIBERMAN, Flavia; CARVALHO, Yara M. de. Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte. *Urdimento*. 2014; 1(22):219-232. [acesso 2018 Novembro 25]. Disponível em <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101222014219/3210>>

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; equipe e lexicografia Margarida dos Anjos... [et al.]. 6 ed. rev. amp. Curitiba: Posigraf, 2004.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 2006.

HESSE, Hermann. *Literatura Estrangeira*. São Paulo: Flanarte Livros, 1985.

JUNG, Carl Gustav. *Sincronicidade*. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis: Vozes, 2000, 10ª edição, volume VIII/3 das Obras Completas.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre: Editora Sulina, 2012, p. 52-75.

KIRST, Patrícia Gomes. Cartografias e devires: a construção do presente. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 103-111.

KIRST, Patrícia Gomes; GIACOMEL, Angélica Elisa; RIBEIRO, Carlos José Simões; COSTA, Luis Artur; ANDREOLI, Giovani Souza. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 91-101.

LIBERMAN, Flavia; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Um corpo de cartógrafo. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, p. 183-194, 2015. [acesso 2018 Novembro 15]. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000100183&lng=en&nrm=iso>

LOVELOCK, 2010, p.16 apud SOLER, Antonio Carlos Porciúncula. Antropocentrismo e crise ecológica: Direito Ambiental e Educação Ambiental como meios de (re) produção ou superação. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande do Sul, p. 113, 2011.

MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 259-271.

MELLO, Thiago de. *Como um rio*. Mormaço na floresta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno, 1981.

OLIVEIRA, Livia de; MACHADO, Lucy Marion C. Percepção, cognição, dimensão ambiental e desenvolvimento com sustentabilidade. In: VITTE, Antonio Carlos; GUERRA, Antonio José T. (Orgs.). *Geografia física no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 129-152.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre: Editora Sulina, 2012, p. 17-31.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um roteiro para Clio. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 103-111.

PINKOLA-ESTÉS, Clarissa. MACHADO, Antonio. *"Proverbios y cantares: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. *VersoREverso*. Coordenação de Edivaldo Souza. Ilhéus, Ba: Editus, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Le Petit Prince*. Éditions Gallimard, 1943.

SILVA, Monica Maria Pereira da; LEITE, Valderi Duarte. *Estratégias para realização de educação ambiental em escolas do ensino fundamental*. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 20, 2008, p. 372-392. [acesso 2018 Julho 22]. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3855/2299>>

SOUSA, Edson Luiz André de. Utopias como âncoras simbólicas. In: FONSECA, Tania Mara Galli & KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 63-67.

SOUZA, Severino Ramos Lima de; FRANCISCO, Ana Lúcia. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos... In: 5º Congresso Ibero-Americano Em Investigação Qualitativa, 2016, p. 814-820.

SPINOZA, Benedictus de, 1632-1677. *Ética / Spinoza*. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed., 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TESSLER, Elida. O esquecimento doeu – ver e rever o tempo. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 191-206, 2003.

PISCINA: APÊNDICE

Disponibilizo aqui meu Diário de Campo. Prepare-se para partir do poema à crônica. Como anunciado na Margem do rio, estamos agora em um ambiente estéril, banhar-se no Cloro da piscina é também ressecar a pele e os cabelos. Mas nunca sem potência, porque até dentro do quadrado há margens, basta você decidir onde vai mergulhar.

No dia 08 de Agosto me reuni com o professor Gelson, supervisor e professor titular de Ciências da EMEF São Pedro, onde irei desenvolver meu projeto de Educação Ambiental. Conversamos sobre as possíveis turmas, sendo decidido que eu faria as atividades de sensibilização junto às turmas de oitavos e nonos anos [C20 e C30]. O desenvolvimento das atividades no contraturno escolar veio como proposta do professor Gelson, tendo em vista a possibilidade de abrangência de mais de uma turma e do maior grau de engajamento das estudantes que participarão. Além disso, tendo sido decidido por ser realizada junto às turmas de oitavos e nonos anos, se torna inviável ocupar o período regular de aula já que, nessa fase escolar, o turno é dividido entre diferentes professoras por períodos. O prof. Gelson me salientou a necessidade de trabalhar a autonomia das estudantes e realizar uma sensibilização das mesmas em relação ao Arroio Taquara, tendo em vista a normalização da poluição do mesmo por parte da comunidade - escolar e não escolar.

Para as atividades de convite e sensibilização das estudantes quanto ao Projeto de Educação Ambiental, a professora Eunice Kindel me emprestou um material didático, desenvolvido por suas alunas na disciplina Educação Ambiental para a Sustentabilidade.

Do dia 14 ao dia 17/08 fui à escola todos os dias pela manhã realizar a intervenção-convite com as estudantes das turmas de oitavos e nonos anos, totalizando 8 turmas. Iniciei com uma brincadeira de apresentação, onde cada estudante tinha que dizer o nome do colega anterior e o animal que ele gostaria de ser, seguida de seu nome e seu próprio animal, assim sucessivamente. Após a apresentação, pedi para que cada estudante passasse dentro de um túnel previamente montado por mim, com um tecido tnt fixado na parede da sala. Nesse

túnel haviam imagens fixadas na parede, desde organismos vivos até paisagens em Porto Alegre e em praias, a maioria dos animais ali representados eram marinhos. Um dos questionamentos dos debates da atividade seria justamente qual a relação da Lomba com o mar. Além das imagens, havia resíduos espalhados no chão ao longo do caminho. A tarefa era observar o caminho, selecionar um resíduo e sair com ele na outra extremidade. Após todas as estudantes passarem pelo túnel, conversávamos sobre a experiência, as imagens e os resíduos; momento em que as estudantes dividiam com a turma o destino que dariam para o resíduo por elas coletado: descarte, reciclagem, reaproveitamento. Após este momento, assistimos ao vídeo “A Natureza está Falando - Conservação Internacional (CI)” e discutíamos brevemente sobre.

C33 [9º ano]

Turma quase cheia, antes do intervalo, atividade realizada na sala de vídeo. Encontro a já conhecida resistência adolescente ao que é novo e “infantil”. As estudantes adoraram a brincadeira de apresentação e, após certa resistência, curtiram muito a atividade do túnel também. Surgiram na atividade de apresentação, diversas piadas homofóbicas disfarçadas de brincadeira entre outras sexualizadas. Eu já esperava por essas “brincadeiras” e por isso mesmo utilizei a escolha de animais como elemento da apresentação. Assim que elas surgiam eu intervinha também com humor - carregado de ironia - para desarmar o preconceito. Inclusive eu mesma iniciei a rodada de apresentações me colocando como “Louise Baleia”. As piadas dos meninos vinham para uma autoafirmação ou escrachando homofobia com animais como “cavalo” ou “viado”; as das meninas vinham como autodepreciação ou como uma autoafirmação sexualizada com animais como “piranha” ou “galinha”. Após todas as estudantes atravessarem o túnel eu perguntei quem havia observado as imagens, a maioria não, conforme eu já esperava. Apesar de nem todas as estudantes terem passado, muitas pediram então para passar novamente e fazê-lo com mais atenção, o que, para mim, foi um sinal de envolvimento com a atividade.

C25 [8º ano]

Turma quase vazia, depois do intervalo, atividade realizada na sala de vídeo. Algumas estudantes me informaram que, como o período após o intervalo era de

matemática, sempre era uma aula mais vazia. Nessa turma tinha um aluno cadeirante e minha atividade não era inclusiva para essa deficiência, rapidamente a professora titular interveio me auxiliando e sugerindo uma ótima solução para a situação. Eu e mais uma colega seguramos o pano um pouco mais alto e afastado da parede, de forma que ainda se mantivesse a ideia de túnel, mas que a cadeira pudesse passar. Muitas alunas se mostraram muito animadas com a atividade.

C31 [9º ano]

Turma cheia, antes do intervalo, atividade realizada na sala de vídeo. Nessa turma, após o momento em que eu falei que essa atividade era um convite para participarem do projeto de Educação Ambiental, brinquei que eu era o convite e um aluno disse que “queria o convite na casa dele”, se referindo a um convite mesmo, mas os colegas logo começaram a debochar falando que o menino “queria levar a professora pra casa”. Eu ri de nervosa e neguei, disse que isso não poderia acontecer. Nesse momento um aluno me pergunta se eu tenho namorado e eu respondo que não tenho namorado. Silêncio total na sala por alguns segundos e logo voltam ao burburinho. Por sorte minha, ou trabalho da escola, não recebi nenhum comentário ofensivo. Essa turma era composta de estudantes que, aparentemente, eram mais velhas. Foi uma das turmas com maior resistência para participarem das atividades.

C32 [8º ano]

Turma cheia, depois do intervalo, atividade realizada na sala de vídeo. Após o episódio com a turma anterior, enquanto eu reorganizava a atividade durante o intervalo, duas estudantes dessa turma vieram até a sala e perguntaram, entre sorrisos, se eu era a Louise, respondi que sim e elas saíram rindo. Na hora de entrarem na sala, as mesmas meninas chegaram primeiro, sentaram e ficaram me olhando, cochichando e rindo. Não senti que eram piadas o que rolava, mas sim um “assanhamento”. Achei a cena engraçada, ri de nervosa e iniciei a aula. Essa turma foi super participativa, as estudantes adoraram as atividades. A titular que estava com a turma nesse período é professora de História, uma pessoa incrível, politizada e me ajudou muito a conduzir os debates. No fim da aula me parabenizou e incentivou as estudantes a participarem das atividades.

C24 [8º ano]

Turma cheia, antes do intervalo, atividade realizada na sala de vídeo. Como eu já estava no terceiro dia consecutivo de atividades na escola, já era reconhecida pela equipe pedagógica então peguei a chave da sala de vídeo e iniciei a montagem da atividade. Arrumei a sala e fiquei aguardando, pelas 9h o professor Gelson me envia uma mensagem perguntando se eu iria até a escola naquela manhã, achei engraçado, pois eu havia passado por ele e lhe dado bom dia mas ele estava tão atarefado, como em todos os dias que estive na escola, que não havia registrado meu cumprimento. Nessa turma tive que forçar um pouco mais a passagem pois quase nenhuma estudante quis participar. No restante da aula correu tudo dentro do planejado.

C23 [8º ano]

Turma cheia, depois do intervalo, atividade realizada na sala de vídeo. Nesta turma também havia uma estudante cadeirante, eu sugeri a solução utilizada na outra turma, porém a estudante não quis participar da atividade. Foi um grupo de estudantes que participou muito do debate após o vídeo, fizeram diversas perguntas e comentários, foi ótimo. Nessa turma surge a “entidade” Louise Baleia, como passei a ser reconhecida pela turma. Um dos alunos saiu dizendo “adorei isso, a professora me fez pensar de uma forma que eu nunca tinha pensado!”. E eu? Transbordei.

C22 [8º ano]

Turma cheia, antes do intervalo, atividade realizada no laboratório de ciências. Como não havia projetor fixo, demoramos algum tempo até conseguir organizar tudo e o vídeo ficou com o áudio baixo. Foi uma turma bastante agitada, tive que pedir atenção algumas vezes e professora titular também, o que achei bastante desconfortável, mas não mencionaria isso. Todas as estudantes dessa turma passaram no túnel, uma parte por boa vontade, outra por pressão da titular, ela inclusive passou. Pelo atraso no início, no fim não conseguimos debater muito sobre o vídeo, mas as estudantes conseguiram ver e ouvir bem.

C21 [8º ano]

Turma cheia, depois do intervalo, atividade realizada no laboratório de ciências. Com o equipamento já montado, o início e desenrolar dessa aula foram

mais tranquilos. Nem todas as estudantes quiseram passar no túnel, mas, como já havia ocorrido em outra turma, quando perguntei quem havia prestado atenção nas imagens a maioria não e pediram pra passar novamente.

Na semana seguinte fui à escola na terça-feira pela manhã avisar as estudantes que as atividades iniciariam na 4ª feira à tarde da semana seguinte; adiei o início do projeto em uma semana a pedido da diretora, por conta da greve das municipais. Passei em cada uma das turmas que haviam participado da atividade-convite, na turma C23 fui recebida com alegria e gritos de “Louise Baleia”. Em todas as turmas as estudantes lembravam-se de mim.

Dia 29, conforme combinado, fui à escola de tarde, porém nenhuma estudante veio. Fiquei das 13h30 às 17h na escola, nenhuma estudante apareceu. Entre as possibilidades por mim consideradas para as ausências, foi adiamento de uma semana do início do projeto pode ter confundido as estudantes. Além disso, o professor Gelson faria uma inscrição com as estudantes ao longo da semana que, por diversos motivos da loucura que é a rotina escolar, acabou não acontecendo. Conversei com o Gelson e decidimos que eu mesma passaria nas turmas entregando o termo de consentimento e fazendo uma pré-inscrição.

Na segunda-feira, dia 03, fui até a escola e passei novamente em todas as turmas anotando os nomes das estudantes interessadas e entregando o termo de consentimento, que deveria ser trazido assinado na quarta-feira. Saí da escola muito mais otimista, com 29 nomes na lista, mesmo sabendo que viriam poucas estudantes dessas tantas que haviam se “candidatado”.

Fui pra escola na quarta-feira, dia 05, com um misto de ansiedade e esperança. Vieram 06 alunas. Certamente a entrega das autorizações mobilizou as estudantes. Montamos a Linha do Tempo da História da Terra com material cedido pela professora Maria Cecília Moço, baseado no Livro “Paleontologia na Sala de Aula”. Nessa atividade as estudantes recebem cartões com eventos importantes da história da vida na Terra e sua datação, e seguem um padrão de equivalência entre milhões de anos e centímetros. As estudantes fazer o cálculo da correspondência do seu cartão com a metragem e cortar um pedaço de fio de lã correspondente, fixando a lã no espaço correspondente do seu evento na linha do tempo geológico. Além de trabalhar habilidades básicas de cálculo e leitura, as estudantes podem ter uma visão mais ampla e sistêmica sobre os principais eventos da vida na Terra,

principalmente em relação à presença humana nessa história. Após o intervalo, fomos pra sala de aula e jogamos o jogo “Sustentabilidade”. É um jogo cooperativo e que trata de questões ambientais planetárias, trazendo 4 ameaças como principais para o meio ambiente: nuclear, lixo, desmatamento e poluição. Para bloquear a entrada dessas ameaças no tabuleiro, as jogadoras devem andar na trilha da Consciência e da Tecnologia, precisando alcançar o ápice em ambas. Foi muito legal ver o envolvimento gradual das estudantes com o jogo, chegando ao ponto de elas levantarem debates e reflexões relacionando o jogo com a vida sem que eu interviesse para isso. Elas expressaram muito as suas vontades de poderem resolver os problemas ambientais do mundo. Um dos alunos não quis jogar, ficou perto da mesa, mas não quis mesmo participar. Achei que nunca mais veria ele nas atividades. Entreguei as autorizações para a saída da semana seguinte, que será na segunda-feira, 10/09, por disponibilidade do Museu.

Encontrei as estudantes na frente da escola às 13h30 com meu cartão tri carregado para pegarmos o Bonsucesso. Vieram 05 alunas. Descemos na primeira parada da Av. Bento Gonçalves e caminhamos até o Campus do Vale. Tudo foi uma aventura, pra elas e pra mim. Estar responsável por - mesmo que somente 05 - estudantes fora da escola, dentro de um transporte público, caminhando por uma avenida, foi desafiador e ao mesmo tempo prazeroso para mim. As estudantes que se engajaram no projeto são ótimas alunas e, descobri ao longo do nosso caminho, já vinham com uma bagagem relacionada ao meio ambiente. Seja por projetos desenvolvidos na escola dos quais elas haviam participado, seja por vivências pessoais em sítios com a família. Ouvi histórias de relação prévia com a natureza e de sensibilidade para as questões ambientais.

Na quarta, pra não perdermos o ritmo, tivemos atividade na escola. Vieram 03 estudantes, fomos para a informática trabalhar no maps. Tietê conseguiu chegar na espaçonave, viu astronautas e o pálido ponto azul. Tapajós explorou a França, a Itália e o Continente Africano. Iriri me levou a outra viagem, pelo bairro, pela rua, pela história dele. Procurou no maps o beco onde mora, para me mostrar a esquina onde um cara tinha sido morto anteontem. Não pude reagir de outra forma senão com naturalidade diante da naturalidade com que ele me mostrava um pedaço do seu cotidiano. Ele tem 13 anos e me mostrou, em alguns segundos, mais do que já havia visto em 26 anos. Eu já havia passado por momentos de sensibilização e empatia, durante meu estágio acompanhei histórias de vida muito difíceis. Eu

mesma não venho da realidade sociocultural que minha pele branca, meu cabelo loiro e meus olhos claros fazem parecer - mas que sem dúvidas ou questionamentos me dão uma metragem de privilégios nessa sociedade assimétrica que vivemos. Mas, naquela atividade, em que eu pretendia debater o meio ambiente do bairro, esse emergir da realidade social, me fez balançar. Eu já vinha me questionando, desde que comecei a percorrer a Lomba, sobre como trabalhar questões ambientais em um local de vulnerabilidade social, em um local sem recursos básicos para um cotidiano digno - algo como saneamento básico, sabe? Ali, naquela atitude simples e despretensiosa do Iriri, vi que tinha razão de estar ali e ocupar aqueles momentos da forma que estávamos ocupando: ocupando uns a vida dos outros com afeto. Depois do intervalo jogamos Sustentabilidade novamente, as meninas queriam tentar ganhar dessa vez. Perdemos as três rodadas. Concluimos que para vencer o jogo precisávamos de todos os seis jogadores possíveis, daí saiu mais uma analogia com a vida: precisamos da participação social e coletiva para resolução de problemas socioambientais.

Terça eu e Camila fomos até a Lomba tentar achar uma das nascentes do Arroio Taquara e mapear um caminho para eu fazer com as estudantes no dia seguinte. Dentre os vários espaços que fomos dois encontros foram muito marcantes. O primeiro, com a “dona” Zeli. Descemos a São Pedro à esquerda, dobramos na São Marcos, subimos a Tangará, entramos a direita na Piratininga. Nesse ponto encontramos o Arroio... e a “dona” Zeli. Uma senhora simpática, sorridente, que estendia suas roupas. Aproximei-me do portão e chamei a vizinha, perguntei sobre o Arroio e se ela sabia onde ficava a nascente. Ela não sabia da nascente, mas sabia da vida. Logo começamos a prostrar e ela me contou que tinha uma pequenina nascente no pátio dela! E nos convidou para entrar. Eu sinto saudade da hospitalidade desses lugares, dessas pessoas, dessas histórias, dessa vida. Mostrou-nos sua nascente e contou que ali, antes do muro que estava agora, havia uma árvore e da raiz dela brotava água. Quando derrubaram a árvore para construir o muro, “dona” Zeli colocou um tonel sem fundo num buraco em torno de onde brotava a água e “agora tinha água fresca e de graça para usar, mesmo em dias que havia falta de água na Lomba”. “Dona” Zeli nos ofereceu um copo de sua água para vermos como ela era límpida e geladinha. Bebemos. Realmente poderia jurar que tinha sido tirada da geladeira. Agradecemos a hospitalidade e combinei de retornar no dia seguinte com minhas alunas. Seguimos subindo a Piratininga. Que

Sol. E que subida! Até mesmo no Google Maps ela parece longa. Voltamos pela Adão Preto até a Rua Ponche Verde. Entramos na rua e nas vielas procurando o Arroio e achamos um homem que vinha saindo de uma casa em um desses becos. Demos um “boa tarde” recíproco e ele perguntou, com uma curiosidade estranha, o que procurávamos ali. Minha intuição apertou a boca do meu estômago, trazendo o alerta de perigo. Mas eu sabia que não era com aquele homem, era com algo outro. Segundo encontro, que não encerrasse aqui. Respondemos que eu era professora da Escola São Pedro - que vem seguido de um “ah”, quase aliviado eu diria, por parte dele - e que estávamos procurando o Arroio Taquara. Ele disse que sabia onde poderíamos visualizá-lo e que nos acompanharia até ali. Na descida comentou que não precisávamos nos preocupar que, estando com ele, ninguém nos assaltaria. Disse isso de uma maneira simpática e tranquila. Eu e Camila seguramos o nervosismo, agradecemos profunda e sinceramente e ficamos um tempo na ponte observando o Arroio e conversando. Ali era um ótimo ponto para trazer as estudantes. Ficamos em dúvida sobre o caminho de retorno mas, como nenhuma das duas conhecia aquelas ruas, decidimos voltar pelo mesmo caminho. Subindo a Ponche Verde passamos por um grupo de homens/adolescentes, uns 6-8, parados na esquina de um dos becos. Meu estômago apertou de novo, dessa vez sem dúvidas. Passamos por eles sem parar nem olhar e ouvimos alguém dizer “ah, de boas, são as meninas que ele falou”. Sentimos a adrenalina baixar após entrarmos novamente na Adão Preto. Ficamos mais alguns minutos tentando entender o que havia acontecido e a gravidade, debatendo teorias. A única conclusão possível que chegamos foi a de que tudo correu bem independente de suposições... e que temos uma sorte grande.

Encontrei as estudantes na escola e iniciamos a caminhada pelo bairro. Durante o percurso contei para elas minha dificuldade e insucesso em encontrar a nascente do Arroio, ao que elas riram e me deram um “soco” de realidade: “Mas prof, por que tu não pediu ajuda pra gente? Nossas mães/pais/avós conhecem a Lomba muito bem, poderíamos ter te ajudado”. Eu ri. Uma risada divertida e constrangida. Por que eu não havia compartilhado com elas meu plano pedagógico e construído com elas essa saída? Na próxima, já sei. Fizemos o mesmo caminho de ontem até a casa da “dona” Zeli. Passamos por uma Araucária linda, conversamos sobre ela - e sobre Pinheiros e sobre Eucaliptos. Aliás, tem muitos Eucaliptos pela Lomba. Zeli nos recebeu com a mesma alegria e disposição de

ontem. Mostrou sua nascente, contou sua história e mais. Compartilhou conosco um pedacinho de si. Ofereceu-nos sua água geladinha que caiu muito bem após a caminhada sob o Sol forte até ali. As estudantes amaram a visita na Zeli, ela amou a visita da gurizada. Saímos de lá comentando o quanto estávamos renovadas e prontas para mais uma caminhada após aquela água. Mas ousei dizer aqui, que também refrescamos as almas com aquele encontro. Seguimos para o próximo ponto. Paramos numa sombra no meio da Piratininga para olhar aquela paisagem, que vista linda. Eu, particularmente, amo momentos de contemplação. Acho que as estudantes que estavam comigo também. Seguimos até a ponte no final da Vale Verde e ali conversamos sobre o Arroio. Pensamos suas condições de preservação, a ocupação desordenada na Lomba, as consequências disso para o Ambiente. Observamos o fundo lodoso do corpo d'água e expliquei sobre eutrofização, água corrente e água parada, bactérias, algas e bioindicadores. Pelas 16h já estávamos liberadas. Sugeri retornarmos à escola e terminarmos a aula mais cedo naquele dia, as estudantes não quiseram, queriam continuar a caminhada. Mais exatamente, queriam ir ao chamado "Campo 2" no parque Saint-Hilaire. Eu afirmei que não sabia como funcionava a visita ao Parque e que, portanto achava melhor não irmos. Elas afirmaram que já haviam ido lá várias vezes ao longo de suas tardes, Iriri disse que pedalava por ali, Xingu falou que conhecia bem o caminho até lá. Lembrei-me do começo do nosso dia e do quanto aquele território era delas. Aceitei desde que cumpríssemos o horário de retorno à escola. Deste ponto iniciamos uma caminhada muito mais empolgante e exploratória para mim que para elas - ou tanto quanto para todas. Foi lindo! Que bom que fomos! Entramos no parque por uma trilha a lateral da quadra de futebol. Passamos por uma parte de mata, muito infelizmente, degradada, porém, muito fértil ao debate. De um lado do caminho árvores e grama secas queimadas, uma floresta de eucaliptos. Do outro, uma imensidão de tons de verde e copas de uma mata nativa. Num terceiro mais a frente, um vasto campo nativo. Conversamos sobre as paisagens e seguimos. Atravessamos uma parte do Arroio, ainda poluída, mas nitidamente menos que os pontos que vimos dentro da cidade. Xingu levou a Tapajós na cacunda, eu levei a Tietê e o Iriri, muito ágil que é, atravessou por cima dos troncos caídos. Após um trecho de mata mais densa, novamente um campo aberto. Gramíneas altas, o céu azul com o Sol brilhando e uma brisa leve balançando os cabelos. Mais uns minutos de caminhada e chegamos ao Campo 2. Sentamos nos bancos do Quiosque que havia ali, descansamos um

pouco e já iniciamos o caminho de retorno pelo adiantado da hora. Combinamos de retornar lá algum outro dia para fazermos um pic-nic.

Essa quarta amanheceu chuvosa e então decidi trabalhar tipos de poluição em sala. Ainda que não tivesse muitas alternativas no dia, não foi uma boa ideia. Eu achei chato, elas mais ainda. A aula em si é boa, mas apresentar slides para quatro estudantes definitivamente não é uma boa ideia. Lembrei que preparando a aula uns dias antes eu havia visto um vídeo de um rio recuperado na Coreia do Sul, Rio Seul, e passei para elas. Conversamos também sobre bioindicadores e estados de conservação do ambientes naturais. As estudantes sugeriram gravarmos um vídeo sobre o Arroio Taquara, eu achei genial e esse passou a ser nosso plano de trabalho. Ao final da aula pedi para que cada uma escolhesse um entre o que eu elenquei como sendo os três principais problemas ambientais da Lomba: ocupação desordenada, resíduo descartado incorretamente ou poluição do arroio, e sugerissem uma possível ação para mitigar esse problema. Após vídeo e muito apelo para sairmos da sala, fomos até Horta Comunitária marcar uma visita para a semana seguinte. Lá descobri que uma das pessoas responsáveis pela horta é um professor da Escola São Pedro, e foi com ele que agendamos a visita.

Terça pela manhã eu fui até a escola entregar as autorizações para saída na quarta. A Louise Baleia se tornou uma entidade na São Pedro. Em todas as salas que eu passava era recebida com calorosos “Ooi, Louise Baleia!”. Achei genial e curioso. Uma pequena atividade em uma manhã eternizou uma memória, mas não suficiente para as estudantes virem no contra turno, compreensível até. Mesmo que naquelas manhãs tenham entrado em estado de brincadeira e tenham expressado gostarem das atividades.

Essa quarta também amanheceu chuvosa. Fui até a Escola, confesso desesperançosa, pois no começo da tarde a chuva já estava engrossando e o vento soprando mais forte. O trio maravilha veio! Xingu, Tapajós e Iriri. Fomos pra sala de vídeo planejar as filmagens. Iriri não participou muito e pareceu um tanto entediado grande parte do tempo, mas ficou conosco do começo ao fim. Pensamos qual o enfoque que elas queriam dar às entrevistas, traçamos algumas perguntas, elas sugeriram algumas pessoas e traçamos um breve roteiro. Durante nossa conversa comentei que cheguei à escola achando que elas não viriam por conta do tempo, ao que a Tapajós me fala “Ah, prof, realmente pensei em não vir, mas daí lembrei “ah, é a Louise” vamos, lá!”. Xingu comentou algo semelhante e Iriri, como de seu

costume, manteve-se em silêncio. Aqui meu ego de “sorinha” - como carinhosamente minhas amigas me chamam - nutriu-se. E mais do que isso, ouvi materializar-se o afeto como força motriz da relação professora-aluna. Era isso que estávamos fazendo ali, construindo uma relação de afetividade e afetação recíproca, onde um dos resultados possíveis poderia ser a sensibilização para as questões ambientais da Lomba e a situação do Arroio.

O encontro dessa semana foi adiantado para terça devido à agenda do Centro de Educação Ambiental Vila Pinto. Tentei transporte pelo auxílio TCC com a UFRGS, mas fui vetada, a “burrocracia” da Universidade não permite que sejam transportadas pessoas que não da própria bolha universitária. Lancei mão de meus privilégios e apoios e pedi ao meu pai que nos desse uma carona na ida pelo menos, pois precisaríamos pegar dois ônibus e eu não teria condições de pagar as passagens para todas as estudantes. De todas as atividades, esta e a da semana que vem são as menos viáveis fora das condições que estávamos: meu pai com carro, condições financeiras e disposição para ajudar, e um número reduzido de estudantes. A visita na instituição foi incrível e vi, ouvi e senti que movimentou e afetou as alunas. Fomos recebidas pelo Luiz, neto da Marli, Fundadora do Centro. Assistimos a um vídeo sobre a Marli e a história do centro, Luiz conversou conosco de uma forma nítida, franca e muito comovente. Assistimos também uma reportagem sobre um garotinho norte Americano, Ryan, que recicla materiais desde os 03 anos de idade. As alunas ficaram embasbacadas - e eu também! Luiz comentou sobre grandes empresas que vendem produtos a base de materiais reciclados no valor de grandes fortunas, apenas pela marca e pelo slogan eco-amigável, como Adidas e Nike. Luiz falou sobre poderes, estruturas sociais, relações de comércio, tudo com uma linguagem acessível, mas sem nunca subestimar a capacidade das pessoas que estavam ali de entenderem sobre qualquer assunto. Achei lindo e inspirador. Depois fomos visitar o galpão de triagem, as funcionárias estavam no intervalo e, portanto não conseguimos conversar com elas nem vê-las “em ação”. De qualquer forma Luiz - e eu - explicou sobre os resíduos, a diferença entre esse termo e a palavra lixo. Falou sobre as consequências de misturarmos os resíduos orgânicos com os recicláveis em casa e mostrou uma caçamba enorme para onde eram destinados os materiais não recicláveis ou impossibilitados de serem reciclados. As estudantes ficaram bastante impressionadas com tudo que vimos e ouvimos. O “tour” pelo centro de reciclagem não foi muito longo, pois Luiz tinha outro

compromisso a seguir. Agradecemos de coração toda a atenção e conhecimento compartilhado. Caminhamos até a Ipiranga e depois até a Av. Bento para pegarmos o Bonsucesso. No trajeto dentro da vila, as estudantes notaram a ausência de lixo jogado nas ruas próximas ao Centro de Triagem/EA e viemos comentando sobre isso. Achei ótimo o olhar sensível que saímos de lá.

Na saída desta semana novamente pedi auxílio para meu pai, já que íamos até o Parque Saint-Hilaire e ficaria ainda mais inviável ajudar as estudantes com as passagens. 13h30 nos encontramos na frente da escola e seguimos até o Pórtico. Os guardas-parque já nos aguardavam e nos conduziram por uma breve caminhada até a barragem Lomba do Sabão e depois voltamos por dentro de um pedaço de mata até a estrada. As estudantes – e eu também – ficamos impressionadas com o tamanho da barragem. Uma paisagem linda, semelhante a um lago, quanta vida havia ali, é realmente de partir o coração pensar que aquelas águas estavam poluídas. Conversamos sobre a vegetação do entorno e sobre algumas aves que avistamos. Na parte em que adentramos a mata o guarda-parque nos chamou a atenção para um cheiro doce que estava no ar, era cheiro de mel! Cheirinho de mel no ar, nem eu nem as estudantes havíamos sentido algo assim antes. No retorno até o pórtico o guarda-parque nos apresentou uma planta que tem sua haste semelhante a uma flecha, brincadeira iniciada. “Guerrilhamos” todo o caminho de volta, haja fôlego para acompanhar crianças brincando. No fim a saída terminou uma hora antes do esperado, mas decidimos retornar a Lomba, pois precisava liberar meu pai.

Nessa quarta fui até a escola pela manhã para cancelar a aula da tarde. Além de eu estar devastada por toda a situação política, sem condições de ministrar uma aula, aquele dia estava chuvoso e nada propício. Ao menos a visita para Horta na semana seguinte estava planejada.

Passamos uma tarde maravilhosa na Horta. Exploramos muitos cheiros, gostos, texturas, sabores. As estudantes receosas, mas ainda mais curiosas sobre todas aquelas plantas e seus sabores. Conhecemos pelo menos quatro tipos diferentes de hortelã. Descobrimos como era a flor da alface. Vimos pelo menos cinco espécies diferentes de borboletas. No caminho encontramos a Lourdes, que por uma coincidência, estava na horta naquela tarde. Conversamos com ela. Quanta sabedoria e beleza em um coração. Aproveitamos e fizemos uma tomada de filmagem com ela. A moça que estava nos acompanhando nos levou até a beira do

arroio no fundo da horta. Tinha muita sujeira, até uma cadeira de bebê estava lá, e o odor era muito ruim. Voltamos costeando a cerca e paramos para comer pitangas. As árvores estavam carregadíssimas e as frutas deliciosas. Sentamos na grama mais a frente e fizemos mais algumas filmagens com moça que nos conduzia.

Na quinta fui à escola novamente para finalizarmos as entrevistas. Apenas o Xingu veio. Não foi um problema, ele estava empolgado e eu também. Fomos até a casa da “dona” Vera novamente e dessa vez encontramos ela em casa. Nesse dia estava também a mãe e o pai dela. Aproveitamos e já entrevistamos todas elas, pois se disponibilizaram a participar. No decorrer da conversa descobrimos inclusive que esse senhor fazia parte do Grupo de Trabalho da Horta. Fiquei muito feliz com a coincidência. Elas nos contaram histórias da Lomba, da Horta, do Arroio, suas. Posso afirmar que foi uma rica tarde de trocas. Nem vimos o tempo passar, e se não tivéssemos horário para retorno, nos estenderíamos ainda mais. Voltamos até a escola perto das 17h para devolver os materiais e de lá seguimos juntos até a casa do Xingu.

Nessa semana, para finalizarmos o projeto, marcamos duas aulas. Fui até a escola na segunda e veio o Xingu e a Tapajós. Fomos até o campo de Futebol perto da escola e sentemos para conversar. Eu havia levado a “Carta dos Direitos da água” para trabalhar com elas. Li a carta e decidimos incluí-la no vídeo. Sugeri que elas mesmas lessem e incluiríamos partes de vídeo e partes de áudio de suas leituras. No começo a Tapajós ficou com vergonha e não quis ser filmada, mas, como o Xingu se atrapalhou em algumas partes, pediu para que ela lesse, ela topou. Foi muito bonito porque vi que, além da dificuldade com algumas palavras, ele queria mesmo era incluí-la. Depois de filmar fomos até a escola devolver os materiais, compramos um refrigerante e umas bolachas no mercado, e ficamos aís um tempo juntas na praça. Marcamos nossa última aula para sexta-feira, no Campo 2.

Eu havia ido à escola e convidado todas as estudantes para a finalização do projeto, mesmo que não tivessem vindo mais às aulas. Vieram Xingu, Tapajós e Tietê. Fomos até o campo dois confraternizar e despedir-nos - temporariamente. Lanchamos hamburguês de soja que o Xingu tinha feito, querido, tinha preparado o “almoço” do encontro. Conversamos, fizemos perguntas, contamos história, nos conhecemos ainda mais. Brincamos muito, aproveitamos aquele espaço. A Tapajós dizia que queria voltar ali muitas outras vezes. Após descansar fomos caminhar até

uma cachoeira que havia ali perto. No caminho passamos por outra parte do Arroio e chamei a atenção delas para observarem como naquele trecho a água era translúcida, mas que ainda era poluída. Conversamos um pouco sobre as diferenças, e os porquês dessas diferenças, entre os três pontos do Arroio que visitamos. Numas das curvas do caminho paramos para observar umas folhas que estavam enrugadas de um jeito estranho, pareciam estar formando um ninho, eu não fazia ideia da qual animal era. Mais a frente Tietê parou para observar uma flor maravilhosa que estava na beira da estrada. Nesse momento passou um caminhão por nós e me lembrei da hora. Já era 16h45 e tínhamos que retornar para escola às 17h. Depois de algumas negociações decidimos continuar mais um pouco, agora sem mais paradas. Para nossa surpresa, chegamos à entrada do Parque! Ficamos com uma sensação estranha sobre o trajeto que fizemos e o tempo que levamos, quando chegamos ao Pórtico já eram 17h. Comentei com elas que não me parecia que havíamos feito um trajeto que pudesse levar 15 minutos. Que me parecia bem mais curto que isso. Elas concordaram, também haviam tido essa sensação. Pegamos um pouco de água no pórtico e começamos a voltar. No retorno marcamos no relógio, agora com atenção, o tempo do percurso: exatos 6 minutos. Ficamos impressionadas, até assustadas, com a situação. Como foi possível? As quatro pessoas que estavam lá tiveram a mesma impressão, mas mais do que isso, havíamos marcado o tempo de ida e o de volta. Não havíamos feito parada em nenhuma das vezes. Iniciamos a divagação sobre muitas teorias para o que tinha ocorrido. A que nos pareceu mais sensata, por incrível que pareça, foi a de uma “falha na matriz”. A criatividade estava em com aquele acontecimento, descrevemos diversos roteiros de filme naquela caminhada de retorno. Tapajós dizia “professora, se tu queria um último encontro impactante, tu consegui”.